



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SEculo

DE SANTA
RITA

AS MENINAS À JANELA

Por AUGUSTO DE SANTA RITA

Desenhos de A. CASTAÑE

ERAM uma vez duas meninas gémeas que estavam sempre à janela. O seu maior prazer era debruçarem-se nas lindas ogivas da torre do seu palácio, que tinha uma porta por onde entravam os mais belos acepipes, duas mais pequenas por onde entravam as belas essências com que se perfumavam e outras duas por onde penetrava uma orquestra, dos mais harmoniosos acordes, com que se embalavam durante o dia, que era sempre de festa. Apenas, quando o sono as vencia, fechavam as persianas das suas lindas janelas. Mal acordavam, voltavam para a janela, contemplando a vida que sôb elas passava, conversavam de janela para janela, estudavam as suas lições sempre à janela, liam histórias à janela, cismavam à janela,



contemplando as nuvens e as estrélas, e assim passavam a vida, sempre à janela, sem mais aspirações.

Um dia, porém, as duas meninas adormeceram à janela e sonharam que haviam descido à rua, que tinham asas e que, leves como o pensamento, haviam voado a um reino maravilhoso, para lá das nuvens, através das estrélas, guiadas por um Anjo lindo, chamado Alma.

Estavam muito contentes por se julgarem longé das janelas da sua Torre mas, despertando, reconheceram que haviam estado a sonhar e, novamente, se viam à janela.

Ora estas duas meninas haviam

sido encantadas por uma fada chamada Vida, a qual, por mando de um velho feiticeiro chamado Destino, lhes dissera, erguendo uma varinha de condão:

— «Eu vos encanto para que estejais sempre à janela, excepto quando estiverdes a dormir!»

E, logo, as duas princezinhas, que habitavam no Reino do Amor, se viram enclausuradas na Torre do palácio. E em suas janelas, a todo o instante, aguardam a hora do seu desencantamento que há-de chegar um dia!

Pequenino leitor que me estás lendo, queres saber quem são estas duas princezinhas encantadas? — As meninas dosteus olhos,

O MENINO PREGADOR

Por J. F. S. — Desenhos de A. CASTANE

O pequeno João Baptista, português e bom português de alma e coração, destinava-se à carreira eclesiástica e, como tal, foi um dia à Ilha Graciosa, de visita a seu tio, um bom homem, muito amigo do garoto, e seu protector.

Desembarcara e dirigia-se a casa daquêle seu parente, quando topou, no caminho, com o juiz duma irmandade, marchando a toda a pressa.

—«Onde vai, tão afadigado?», — perguntou o pequeno.

O homem, encarando o seu interlocutor complimentou-o com a cortezia a que davam direito o seu traje de seminarista, e respondeu:

—«Se lhe parece, menino... Num dia de festa, como o de hoje, uma falta destas!...»

Preparava-se para seguir destino, quando João Baptista lhe travou do braço:

—«Não se vá assim, senhor. Conte-me a origem das suas preocupações. Cheguei há pouco, sou sobrinho do bispo, e pode ser que...»

—«Não há nada a fazer, menino» — (atalhou cada vez mais preocupado o juiz. E foi explicando:)

—«Calcule que, á última hora, veiu a noticia de que o pregador contratado para hoje, não póde comparecer. Como esse é o número



principal da festa, quem calará o povo? Vou passar um grande dis-sabor.»

—«Oíça, cá; — (indagou, placidamente, o rapazito) — sobre que versaria o sermão?»

—«Sobre o orago da nossa freguesia.»

—«Muito bem. E a que horas começava?»

—«Agora mesmo, menino, agora mesmo.» E, á lembrança de tão imprevisto accidente, o juiz da irmandade deitava as mãos á cabeça, aflito, e perturbado.

—«Não se inquiete tanto, senhor. Pode ser que o caso se remedeie...»

Depois, chegando-se ao juiz, e quasi em segredo, o pequeno disse-lhe:

—«Quere o senhor que eu pregue?»

—«O menino?...» — exclamou o juiz bastante admirado.

—«Sim eu...»

—«Ora, o menino pode lá!...»

—«Posso, sim senhor, e, além disso, sou sobrinho do bispo.»

—«Sendo assim... mas...»

—«Qual mas nem meio mas. Eu vou pregar em vez do padre contratado, e faço o serviço de graça.»

Em face dos argumentos inflexíveis do moço seminarista, e ainda porque se oferecia a pregar gra-

tuitamente, o que trazia para a commissão das festas não pequena economia, o juiz da irmandade aceitou.

O nosso heroi subiu, lesto, ao púlpito mas, ao defrontar-se com a enorme massa de fiéis, que enchiam o templo, anciosos de ouvirem o pregador, João Baptista sentiu uma natural indecisão. Breve cobrou ânimo, produzindo um sermão de tal maneira grandioso que o povo, no final, lhe tributou uma vibrante ovação, repetida todo o tempo que duraram as festas. Onde o encontravam, corriam a vitoriá-lo, enchendo-o de elogios e finezas. Um autêntico triunfo.

Quando o facto chegou ao conhecimento do tio do precoce pregador, aquele ficou ao mesmo tempo aborrecido e entusiasmado: aborrecido por reecer que o facto dispuzesse mal o bispo contra o rapaz: entusiasmado, ao reconhecer o talento do sobrinho, de quem muito haveria a esperar.

Mas não era como padre que João Baptista estava talhado para ser uma glória nacional. As suas tendências inclinavam-se, cada vez mais, para a literatura e para a oratória, revelando, em trabalhos desse género, uma intelligência excepcional. Certo dia escreveu uma sátira alusiva ao seu mestre de



O D E V E R

Por AUGUSTO DE SANTA-RITA
DESENHOS DE A. CASTANÊ

«Mamã, que quer dizer esta palavra Dever, que tanto vejo empregada no meu livrinho de estudo?»

Essa palavra, meu filho, conforme fôr empregada, dois significados tem, de muito valor. Contudo, num déles há maior brilho ...» responde, sorrindo, a Mãe, e dando-lhe um grande beijo ante o louvável desejo que o seu filhinho mostrava de aprender e perceber aquilo que éle ignorava.



«Ouve, meu filho:—Dever, é estar-se em dívida, é estar na obrigação de pagar o que se deve a qualquer. Se alguém te emprestar dinheiro ou comprar-te o que quer que fôr, ficas sendo devedor; e eis, pois, o caso primeiro.

Mas outro significado mais amplo, mais elevado essa palavra contém.

Dever é tudo o que nós, —(tu, eu, teu pai, toda a gente,)— cumprimos à simples voz do nosso ser consciente, pelo Amor, pelo Bem.

Todos nós temos deveres, deveres que são sagrados. Por exemplo:— o das mulheres: dever de ensinar os filhos

como te estou ensinando; de os criar para soldados, a-fim de que éles, também, cumpram, depois, o dever, obedecendo ao tal mando de que há pouco te falei, de defenderem a Terra onde nasceram, a Grei, seu povo, a familia, o lar, expondo a vida na Guerra! Ou, por exemplo, o dos pais:

—o dever que é trabalhar, entre outros e ai quantos mais

O teu: —saber as lições, estudar sempre, aprender, nunca mentir, ser leal, e aos teus pais obedecer.

Aqui tens a explicação desta palavra **Dever**, das mais belas expressões da nossa língua imortal!

■ F I M ■

latim, e de tal maneira estava feita que foi considerada uma verdadeira obra prima.

O tio insistiu com o bispo para que João Baptista abandonasse a carreira eclesiástica.

Obtida a acquiescência, passou

o rapaz a cursar direito, em que se formou com notável aproveitamento.

Dramaturgo, romancista e literato de extaordinário valor, poeta de raro merecimento e notável intuição, patriota, João Baptista

—(conhecido no mundo das létras pelo nome glorioso de Almeida Garrett) — foi alguém que soube honrar, em homem, os bons princípios de que em criança deu mostras, como prégador adventício na igreja da ilha Graciosa.

■ F I M ■

"CONGO" O MACAQUINHO

Por AUGUSTO DE SANTA RITA
Desenhos de A. CASTANE



a Nunucha talhara e cosera expressamente para ele, havendo-se esquecido, por sinal, de abrir nos calções um buraquinho por onde teria, fatalmente, de passar o respectivo apêndice caudal, mais tarde aberto à tesoura. Recusára-se a comer a merenda à mesa, entre o Zeca e a Nunucha, na alta cadeirinha de braços que desta fôra quando apenas tinha dois e três anos. Recusára-se a pôr o guardanapo, a não atirar a casca das bananas ao chão e a idênticos preceitos da civilidade.

Hoje, porém, era um macaco com pretensões a «gentleman». Fazia tudo o que via fazer às pessoas educadas, e caprichava em seguir à risca a arte de bem conviver, cultivando as boas maneiras e as praxes da sociedade.

A tal ponto chegara a preocupação do «Congo» de imitar tudo que supunha ser prova de boa educação que, tendo visto, de manhã, a mãezinha do Zeca e da Nunucha, pulverizando o cabelo dos filhos, com água de colónia e, vendo, à tarde, toda a família reunida, tomando refrigerantes com sifão, pegou no automático frasco pôs-se a pulverizar com ele, num gesto que supunha, bastante cavalheiresco, as respectivas cabeças dos seus donos que ficaram num pinto.

Passados dias, tendo visto o criado da casa deitar pedras de gelo no jarro da água, foi buscar, — (sem ninguém ver, é claro,) — ao lavatório do paizinho do Zeca, a pedra ulmo, transparente, que ele passava pela



cara, depois de fazer a barba, e deitou-a no jarro, persuadido de que havia prestado um bom serviço. Só depois do jarro esvaziado, a família do Zeca e da Nunucha reparou, com estranheza, que uma das pedras do gelo se não derreteria, dando, só então, pela nova tolice do nosso herói

Mas não ficaram por aqui as demonstrações de inadaptação à arte de bem conviver em sociedade, do pobre «Congo», etais fôram as suas proezas que o Zeca e a Nunucha se resolveram a despi-lo, restituindo-o ao seu primitivo estado de selvágem, convencidos, finalmente, de que um ser que necessita dum buraquinho, no trazeiro das calças, nunca poderá fazer boa figura nos meios civilizados.

■ ■ ■ F I M ■ ■ ■

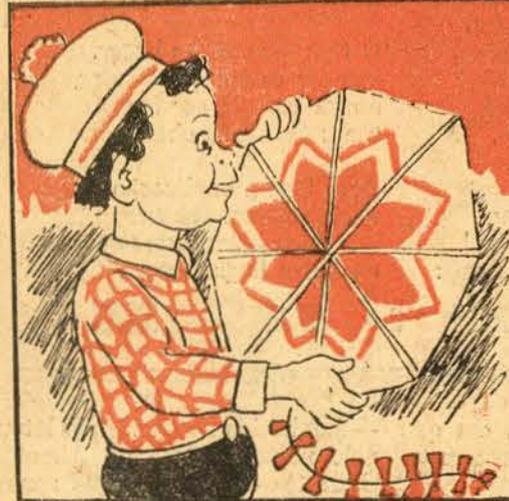


CONGO era o nome de um macaquinho com o qual o papá do Zeca — (um pequenito de treze anos) — o presenteara, por ter ficado aprovado no seu primeiro exame de Zoologia. Viêra, expressamente, da importante roça que o pai do Zéquinha possuía numa das mais férteis regiões de Angola.

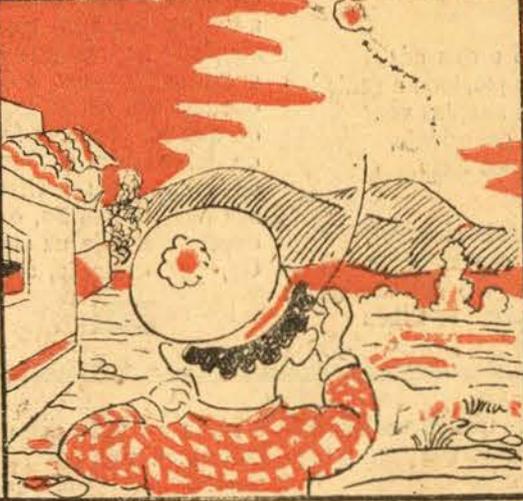
Com alvoroçada alegria fôra recebido, não só pelo Zeca como pela irmãsita dêste, a Nunucha, de loiros coracóis e onze anos, apenas. Tendo, porém, chegado um nadinha selvágem, fôra um castigo para o civilisar, pois recusára-se, a princípio, a vestir os calções azuis e a casaquinha vermelha que



DIABRURAS DO CHIQUINHO



I — Francisquinho, um certo dia, por sinal no mês de Maio, dando pulos de alegria, lança ao ar um papagaio.



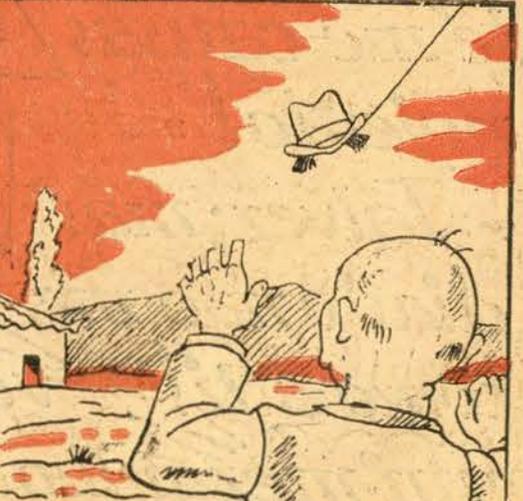
II — Quando estava a grande altura, já custoso de suster, uma grande diabrura Chico resolve fazer.



III — Prende o fio do fio do alfinetinho, e ao ver o senhorio,

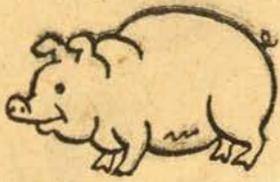
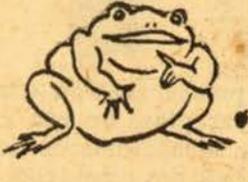


IV — prende à aba do chapéu, o bico do alfinetinho, o qual, preso ao capachinho, começa a subir ao céu.

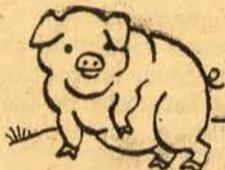
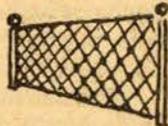
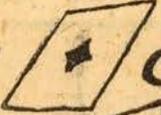
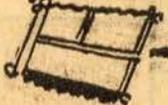


V — Chiquito, que não sabia da existência dos chinós, tanto ria, ria, ria, que até rebentou o cós!

CARTA HIEROGLIFICA

O  eo 

Por AUGUSTO DE SANTA RITA

Era uma vez um  que se abeirou dum  a-fim
 de matar a  -R+S.
 Ao dar com 1  queni-
 no  grunhiu com  -Lberba:
 -« ~ -t+v  que habitas no
 lo , sai da minha  que a
 té me causas  co. Es 1  -ra
 nojeito! »
 -« Talvez; mas  banho todos os
 dias e não me  m 
 como a ti! »  voltou o sapo dando
 um mergulho que obrigou o 
 a  R o 

PALAVRAS CRUZADAS

HORIZONTAIS: — 1, vogal; 2, consoante; 3, consoante; 4, apaixonado, que anda em namoro; 10, que tem raios; 11, vogal; 12, camponio; 14, estrêla; 17, nota musical; 18, consoante; 19, rôsto; 20, vogal; 21, artigo francês.

VERTICAIS: — 1, preposição inglesa; 2, andar em cima e à mercê da água; 3, rio português; 5, atmos-

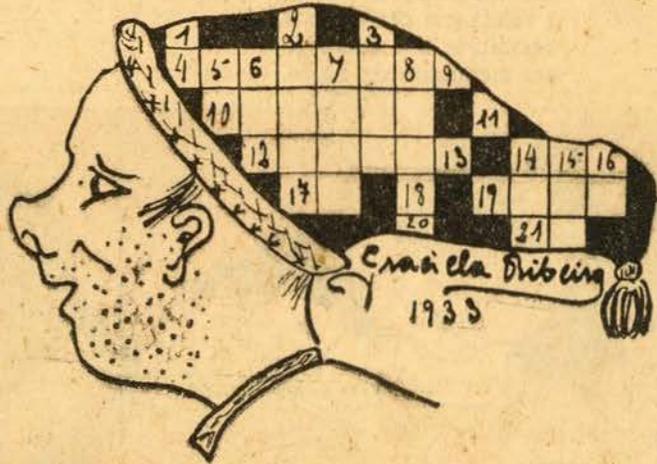
Para os meninos colorirem



ADIVINHA

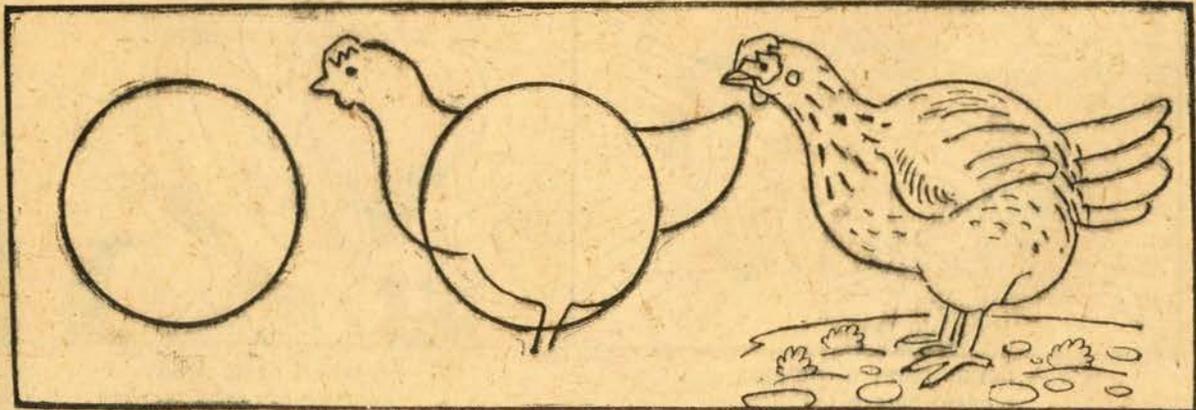


Este sujeito é o conhecido comico de cinema «Bucha» que se ri duma das facecias do «Estica». Mas onde se encontra o «Estica»?



fera; 6, ruins; 7, refugio da sociedade; maluco; 8, vogal; 11, vogal; 14, subs-tância extraída da água do mar; 15, tempo do verbo orar; 16, nota musical 19, consoante.

Lição de desenho



Como se desenha uma galinha

O MEALHEIRO DE BARRO



I — Zézito, para juntar uns escudos para um carro, à venda em certo bazar, decidiu-se a ir comprar um mealheiro de barro.



II — Mas ao fim de quinze dias de juntar todo o dinheiro das suas economias, partiu, logo, o mealheiro e comprou três ninharias.



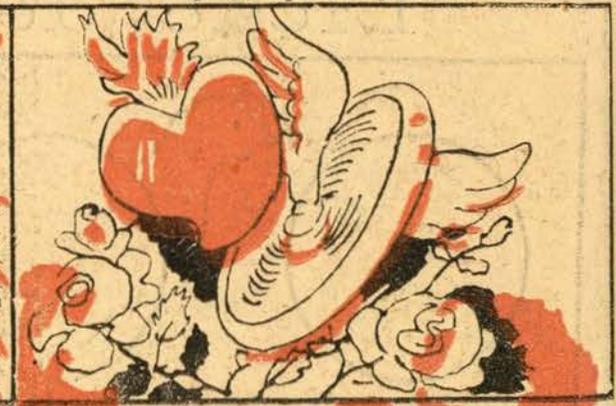
III — Toninho, irmão do Zézito, que era bem mais assidado, comprou outro mais bonito, mas d'aço, com cadeado, e deu a chave ao paisito.



IV — Decorrido um mês e um dia, Tónio, abrindo o mealheiro, notou, com grande alegria, que já sobrava o dinheiro para a que ele pretendia.



V — Foi ao bazar e comprou o carro para o «Zézito», e inda o dinheiro chegou para comprar o «bonito» que o Tónio mais desejou.



VI — A moral desta lição consiste em saber esp'rar a oportuna ocasião; e em se dever imitar do Toninho a bela acção.